

## Geadas ‘poupam’ polos importantes de café, mas seca também provoca perdas Produtores menos afetados pelo clima, porém, podem obter ganhos com alta de preços

Por Érica Polo — De São Paulo

10/08/2021 05h01 Atualizado há 5 horas



Produção de café na região de Matas de Minas Gerais, uma das que não foram afetadas pelas geadas: intempérie elevou cotações em Nova York e no Brasil — Foto: Divulgação

As geadas que afetaram os cafezais dos principais polos de café arábica do Centro-Sul em julho puxaram os preços na bolsa de Nova York e no país e tiveram algum efeito para o tipo conilon, avaliaram fontes ouvidas pelo **Valor**. Com isso, produtores menos afetados pelas intempéries podem obter ganhos, a depender dos volumes colhidos.

Uma região importante de produção que não foi afetada, conforme as fontes, é a de Matas de Minas Gerais, na parte leste do Estado, a segunda área mais importante para a produção desse tipo de café depois do sul mineiro - em terceiro lugar está o cerrado de Minas.

Em Matas de Minas, área montanhosa onde chove bastante, há cerca de 300 mil hectares e 35 mil propriedades de médio e pequeno portes. Na região, as geadas não castigaram os cafezais - apenas a seca é um motivo de preocupação, desde março -, e a arrancada de preços poderá ajudar agricultores a compensar produtividades menores. Isso dependerá sobretudo do tamanho da produção e da gestão nas fazendas - em geral, os produtores da região travam entre 30% e 50% da produção em mercados futuros. “Estou entregando café negociado anteriormente por R\$ 800 a saca, sendo que a cotação no físico chegou a R\$ 1 mil. Mas é fundamental cumprir os compromissos”, diz Sérgio Cotrim D’Alessandro, engenheiro agrônomo, cafeicultor e presidente do Conselho das Entidades do Café da Região das Matas de Minas.

“Mas, com a disparada das cotações após as geadas, pude travar preços de vendas para 2022 e 2023 em patamar 20% superior ao que esperava”, continua. Ainda segundo D’Alessandro, após uma safra muito boa em 2020, o ano atual está “justo”: ou seja, com bons preços, apesar do menor volume. Neste ano, a colheita total dos produtores em Matas de Minas será de cerca 5 milhões de sacas, metade da de 2020. Ao todo, no país, por ser ano de bialidade baixa do arábica, a safra de cafés (todas as variedades) somará 56 milhões de sacas, quebra de 20%, estima a Safras & Mercados. De acordo com Gil Barabach, analista da consultoria, a valorização de cafés tipo exportação, como os do sul de Minas e do cerrado mineiro, foi de cerca de 14% após as geadas de julho. Dependendo do tipo de café desse grupo, o preço saiu de R\$ 850 no dia 19 (um dia antes das geadas), chegou a um pico de R\$ 1080 na última semana de julho, e aproximou-se do patamar de R\$ 960 a saca.

Os técnicos de cooperativas e empresas de extensão rural ainda fazem levantamentos dos efeitos nas principais áreas produtoras de café, mas já é possível desenhar as afetadas: sul e cerrado mineiros, sul e Alta Mogiana, em São Paulo, e norte do Paraná. Não foi um fenômeno “leve”.

O último similar foi em 1994. “A geada abraçou uma região muito extensa e afetou produtores que nunca tinham visto uma, como os do cerrado mineiro”, diz Eduardo Carvalhaes, do Escritório Carvalhaes. “Mas houve quem não sofreu nada em uma mesma região”. Se há cafeicultores vizinhos de cerca vivendo situações distintas, será preciso, ainda, avaliar a intensidade do efeito das geadas nas plantas atingidas, explica Barabach. Há vários níveis de alcance das geadas e é importante seguir atento a novas ondas de frio.

Fora do coração de produção do arábica, onde o “quadro ainda está muito aberto” para avaliações mais assertivas sobre ganhos, Espírito Santo, Bahia e Rondônia não foram afetados pelo frio. São regiões onde há predominância de café conilon, que também subiu no mercado depois dos problemas climáticos. Embora sejam mercados com perfis de consumo distintos, a quebra do arábica influenciou parcialmente a demanda. Com a alta do arábica, indústrias torrefadoras podem alterar blends e elevar a porção do conilon nas misturas,

movimento que puxa preços, diz Barabach.

Executivos das maiores cooperativas que negociam café no Espírito Santo, porém, afirmam que o cenário que explica a valorização do conilon é mais amplo. Entre as causas, há o aumento das exportações nos últimos anos. “O conilon teve ganho de qualidade, tem preço mais acessível e seu consumo aumentou mundialmente”, explica Edmilson Calegari, gerente corporativo de mercado da capixaba Coobriel.

Em nota recente, a cooperativa informou pagar R\$ 540 a saca, nível que não era visto desde 2016. Segundo Calegari, os custos subiram 70% no último ano, enquanto a variedade valorizou 65% no período.

Giliarde Cardoso, gerente do setor de café da Coopeavi, também capixaba, diz que, no último ano, o volume exportado de conilon cresceu muito com a desvalorização do real. “A alta de embarques do produto mais competitivo lá fora, e a consequente redução de estoques, além do cenário de intempéries do arábica, constroem uma conjuntura que acentua preços para o café do país”.